

A clínica da transitoriedade¹ ou O abismo do instante²

The clinic of transience or the abyss of the instant

Paulo Sérgio Lima Silva*

Resumo

Neste ensaio, abordo o tema da transitoriedade, tão sensivelmente trabalhado por Freud, no início do século XX, e que demanda cada vez mais a psicanálise, em princípios do século XXI. A partir de formulações da literatura, de uma contextualização do cenário social contemporâneo e do relato de casos que me chegaram ao consultório, proponho uma reflexão sobre a ideologia da velocidade dos dias atuais e a consequente necessidade de se pensar uma clínica da transitoriedade.

Palavras-chave: Transitoriedade. Instante. Velocidade. Clínica. Ideologia.

Abstract

In this essay, I address the theme of transience, so sensitively explored by Freud in the early 20th century, and which increasingly demands psychoanalysis, in the early 21st century. Drawing on formulations from literature, a contextualization of the contemporary social landscape, and case reports from my practice, I propose a reflection on the current ideology of speed and the consequent need to consider a clinical approach to transience.

Keywords: Transience. Instant. Speed. Clinic. Ideology.

¹ O presente ensaio foi apresentado em mesa de debate no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, em 8 de novembro de 2025.

² Expressão cunhada pelo Dr. Benilton Bezerra Jr. em palestra no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, em 15 de março de 2025, intitulada “Sobre a transitoriedade: tecnologias e vida psíquica”.

* Psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Membro aderente e supervisor da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ). Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. pslimasilva@terra.com.br

1 – Dimensões da transitoriedade

*Though nothing can bring back the hour
Of splendor in the grass,
Of glory in the flower,
We will grieve not, rather find
Strength in what remains behind.*
(William Wordsworth)

A transitoriedade, tema tão sensivelmente trabalhado por Freud (1915/1916, 1974), remete a várias dimensões do tempo, das quais várias questões podem ser derivadas. A mais imediata aponta para a efemeridade, para a presença de algo e do seu desaparecimento; e aponta também, conforme indicado no subtítulo deste ensaio, para o abismo do instante. Por que o abismo? Porque o instante pode ser concebido como algo de espessura mínima, quase inexistente, pois o vivido, o experimentado, logo se transforma em pedaço do passado, depositado numa profundidade inalcançável, apenas acessado como lembrança.

Contornando essa abordagem quase filosófica – para nosso consolo –, a concepção de instante pode ser ampliada, a fim de abarcar janelas temporais mais largas: um momento de alegria, uma temporada de lazer, a época da juventude, um período histórico, como a Idade Média ou a Modernidade, chegando mesmo a poder ser atribuído a toda a extensão da vida humana. Porém, sempre a sombra da transitoriedade se faz presente, trazendo alívio para as passagens pesadas, ou alguma tristeza, quando a consciência de algo bom ou belo ter-se perdido torna-se dominante.

Observando mais de perto, agora, a experiência subjetiva, diria, seguindo Freud, que a possibilidade de experimentar com calma e profundidade cada momento que se revele valioso fica atrelada à capacidade de fazer um luto, de tolerar desaparecimentos, mortes, e aguardar com paciência alguns renascimentos, embora estes nem sempre sejam possíveis.

Curiosamente, o movimento de mudança, de transição de um momento para outro, pode ser deformado sob a forma da aceleração, da rapidez, como uma defesa frente ao luto vivido como intolerável. Como se sabe, a mania – pois é disso que se trata –, expressa uma fobia em velocidade; há aí um medo subjacente. Ao longo deste ensaio, vou me deter em algumas dessas questões e lançar outras, para que sejam futuramente pensadas.

2 – A clínica da transitoriedade

O tempo envelhece depressa.
(Antonio Tabucchi)

Como uma espécie de tema de abertura, gostaria de dar destaque a uma lembrança que me veio à mente, logo que fui convidado a refletir sobre a questão da transitoriedade. Trata-se da fala com que se encerra a novela “Noites brancas”, de Dostoiévski (1960), publicada em meados do século XIX. Esta talvez seja uma das falas mais tristes e mais emocionantes da história da literatura, ao abordar uma experiência transitória, longa e mágica, eternizada na memória do protagonista. Em seguida, apresento o percurso peculiar, inspirado nela, feito por um paciente.

Aqui vai, em linhas gerais, um resumo da ação da novela, para que a sua conclusão faça sentido. Um jovem poeta, sonhador e melancólico, passeia pelas ruas de São Petersburgo à noite. É verão, e as chamadas “noites brancas”, com seus entardeceres ensolarados, garantem uma atmosfera onírica à cidade. Por acaso, ele depara com uma moça aflita e entristecida – Nastenka, chama-se – e com ela estabelece intenso e inesperado relacionamento. Ela aguarda há dias o noivo, que há um ano viajara e prometera retornar àquela época, para se casarem. Uma forte afinidade os aproxima, levando o protagonista a se apaixonar por ela, o que dá nova luz para sua existência. Mas ela retribui essa paixão apenas com um sentimento de amizade e de forte cumplicidade. Ao fim, o noivo reaparece, e Nastenka se despede do jovem sonhador, deixando-o mergulhado em profunda dor e desgosto. Anos depois, lembrando o episódio, ele tem um momento de amargura, chegando quase a amaldiçoar a moça, mas logo se arrepende e a abençoa: “Que o céu seja luminoso, que seja claro e sereno teu gentil sorriso, e bendita sejas tu pelo minuto de felicidade e ventura que deste a este coração solitário, obrigado! [E exclama:] Ó, meu Deus! Um minuto inteiro de felicidade! Mas não é o bastante para toda uma vida de um homem?”

A maneira de vivenciar o tempo mudou radicalmente desde a época em que o escritor concebeu essa novela. Dando largas passadas no tempo e no espaço, recupero essa fala final em um contexto clínico e atual.

Há poucos anos, fui procurado no consultório por Leonardo, um jovem movido por inquietações que não cheguei a deslindar de todo, dada a brevidade de sua relação comigo. Contudo, nas primeiras sessões, não me lembro exatamente a propósito de quê, ele me confidenciou que essa mesma frase da

novela de Dostoievski sempre o havia tocado e que ela voltava com frequência à sua cabeça. Surpreso, apurei minha escuta com especial interesse, à espera dos possíveis desdobramentos.

Nas sessões seguintes, fui informado de que, valendo-se do seu vigor juvenil e de sua boa aparência, a cada noite ele tinha relações com uma mulher diferente, em busca, no seu dizer, do “orgasmo perfeito e grandioso”, que no entanto jamais encontrava. “Apenas orgasmos”, dizia. Nunca soube com clareza o que seria esse orgasmo ideal. Quando ele tentava explicar, suas palavras eram vagas e fugidias, não dando conta de suas expectativas. Fiz valer a frase de Dostoievski citada por ele e construí a fantasia de que o jovem tentava modernizá-la e adaptá-la aos tempos atuais. Apropriar-se do instante, imaginei, torná-lo atemporal, e assim poupar-se do fugaz, daquilo que acaba, que se perde, daquilo enfim que some e morre. E, acrescente-se, perdas em sua vida não haviam sido poucas.

Sua permanência em análise também foi rápida, não tendo me dado tempo para deslindar suas questões. Nunca mais soube dele; talvez tenha se perdido nas noites brancas de São Paulo (cidade em que residia), em busca de uma Nastenka sexualizada que lhe fornecesse o que buscava. Um dado curioso diz respeito à sua atividade profissional: era fotógrafo, e muito requisitado, pela qualidade de seu trabalho. Eternizava os instantes, fixando-os em imagens, de grandes montagens do mundo da moda; porém, como serviam à propaganda, essas imagens tornavam-se passageiras, fugazes ao olhar de um público que, digamos, se deleitava com rápidos “orgasmos” promovidos pela beleza de suas criações. À exigência induzida desse olhar respondia com outra criação, e mais outra e outra mais...

Trouxe à cena duas tramas que ilustram bem a delicada relação entre fugacidade e permanência, no âmbito das profissões, das relações amorosas, das expectativas existenciais. Mas que contraste! O poeta sonhador possivelmente respondia de modo melancólico a injunções superegoicas proibitivas, que o levavam a se contentar com a memória do instante prazeroso que a vida lhe proporcionara. Já no caso do jovem paciente, a pressão do superego se moderniza e insiste: “Goza!”. Dessa maneira, produzem-se movimentos de busca incessantes e rápidos, assim como sentimentos de fadiga e frustração. Neste caso, a multiplicidade de experiências mascarava de modo maníaco a também melancólica busca por um deleite inalcançável.

O trabalho de Freud sobre a transitoriedade (1916) realça, como se sabe, o valor do transitório. “Uma flor que dura apenas uma noite nem por isso nos parece menos bela”, nos diz ele. E contesta, perguntando-se por que “a beleza e

a perfeição de uma obra de arte ou de uma realização intelectual”, por exemplo, “deveriam perder seu valor por conta de sua limitação temporal” (1916, p. 346)? O que não se perde, acrescento eu, é a capacidade de se encantar, de admirar, amar e ter esperança. Ele associa essa capacidade à possibilidade inicial de fazer um luto por aquilo que foi perdido e de poder aguardar uma possível renovação. Nas ilustrações que propus, o poeta se aprisionou em um luto crônico, não conseguindo renunciar ao objeto perdido e impedindo a si mesmo de deslizar seu investimento amoroso para outros objetos. Apesar de uma atitude ambivalente, presente no último parágrafo da novela, ele idealizou o instante maravilhoso que vivenciou, eternizando-o na lembrança, e dele extraiu o gozo possível, embora também dele tenha se tornado refém. Já o jovem fotógrafo passou ao largo do enfrentamento das perdas e se cronificou na busca incessante e veloz de algo perdido e igualmente idealizado, que deveria existir ou ser encontrado em algum espaço, em algum corpo.

A transitoriedade, portanto, remeteria necessariamente à capacidade de fazer um luto, de aceitar as regras do jogo da vida, de encarar, como diz R. M. Rilke, em um de seus poemas, que “vivemos em uma eterna despedida”(1989, p. 189). Isso implica, consequentemente, um fino e elaborado trabalho psíquico que mobiliza o ego e que aciona defesas, a fim de lidar com as ansiedades, de tolerar a passagem do tempo e de aguardar o reaparecimento da capacidade de encantamento com a experiência. Essa mobilização não distorce o ego; ao contrário, ela o enriquece e o fortalece, para enfrentar as oscilações da vida.

Sem me deter naqueles que se cronificam em um luto sem fim, me concentro no movimento daqueles que o negam, como no caso do fotógrafo. Essa escolha se justifica, pois ilustra bem a tendência predominante na contemporaneidade, em considerável número de subjetividades, mas principalmente em movimentos sociais encontrados em boa parte da população. Verifica-se aí um verdadeiro giro em relação à experiência da transitoriedade, à dimensão em que tenha sido assimilada. O trabalho do ego, nesses casos, não se concentra no enfrentamento do luto, que implicaria uma vivência da temporalidade com paciência, alguma serenidade e disponibilidade de capacidade de espera. Ao contrário, o ego se transforma e exacerba a movimentação expressa na passagem de um estado (momento ou posição) a outro, característica da transitoriedade. A experiência desta última ganha novas feições, já que às suas características elencadas anteriormente são acrescentadas a rapidez, diria mesmo que a exigência da velocidade, moldando novas formas de ideal.

Empreguei acima o verbo “concentrar”, diria que com acerto, pois a função mais prejudicada nesse contexto é a capacidade de concentração, de ajus-

tar os focos, ou seja, de pensar com lógica e crítica, de admirar e de se emocionar; de entregar-se, enfim, ao exercício livre de qualquer que seja a função que esteja sendo solicitada em determinado momento. Tudo isso gera uma espécie de TDAH em boa parte da população³. Em termos concretos, esse diagnóstico, não por acaso, se tornou tão disseminado atualmente, especialmente entre os jovens; e isso, diga-se de passagem, promove a alegria da indústria farmacêutica, com a prescrição massiva de medicação.

A relação com formas de entretenimento como filmes e séries de televisão ilustra bem o exposto acima. Ao contrário do espectador, digamos, contemplativo, que se deleita com narrativas distensas, de desenvolvimento lento, e que valoriza a experiência estética, emocional ou mesmo filosófica da obra, aquele identificado à leveza e à rapidez, tem baixa tolerância aos planos longos ou à lentidão narrativa. Ele se entediaria, por exemplo, com qualquer um dos filmes de Antonioni. Ele precisa de recompensas imediatas: humor fácil, cenas impactantes, picos de suspense. Além disso, no caso dos telespectadores, eles parecem estar acostumados a saltar de conteúdo em conteúdo (fazendo *zapping*), por causa das facilidades do *streaming*.

Isso do lado do espectador; quanto às produções, tudo é feito para responder a essa demanda: cenas rápidas, alta motivação já anunciada nos momentos iniciais e mantida com extremos constantes de ação. O sequestro incessante da atenção é produzido para que não permita distrações. Essas produções se adaptam, se amoldam às características das pessoas a quem se dirigem, mas, ao mesmo tempo, contribuem para a fabricação dessas características.

Toda essa movimentação pode ser encontrada também na necessidade de disfarçar a passagem do tempo, mantendo a aparência juvenil a qualquer preço (FERRAZ, 2010, p. 64); na adoção de ideias negativas, superficiais e falsas, sem um mínimo de avaliação crítica; na busca pelo enriquecimento fácil e rápido no mercado financeiro; e até, em termos bem concretos, em hábitos cotidianos, como na alimentação em ritmo de *fast food*. Mesmo na aquisição de conhecimento, o fenômeno da aceleração pode ser verificado no hábito de ouvir *podcasts*, audiolivros e outros conteúdos de audiovisual em velocidades de reprodução maiores. Uma pesquisa com estudantes da Califórnia, por exemplo, mostrou que 89% deles alterou a velocidade de reprodução das aulas *online* (PEARCE, 2025). O imediatismo é a tônica – como no filme *Tudo em todo lu-*

³ Emprego aqui, é claro, “TDAH” em sentido metafórico, para ilustrar uma resposta quase generalizada à exigência de celeridade, de intensa rapidez.

gar o tempo todo –, sendo feito sempre um apelo ao narcisismo e à onipotência do sujeito.

Retorno ao terreno das subjetividades e dos relacionamentos. Grandes transformações, ainda em curso, sucederam ao aparecimento da pílula anti-concepcional e à chamada revolução sexual. A teoria psicanalítica, que tinha, com raras exceções, um posicionamento algo severo em relação à homossexualidade, até as décadas de 1950 ou 1960, repentinamente viu-se frente a frente com novas e diversas expressões da sexualidade. Refiro-me às pessoas LGBTQIAA+, às relações não monogâmicas, às experiências sexuais em grupo, ao casamento homoafetivo, com direito a filhos, ao chamado trisal, às redesignações de sexo etc. (AYOUCHE, 2025, p. 337). Tudo isso era impensável apenas cinquenta anos atrás. Diria que a psicanálise, algo perplexa, foi solicitada a aceitar e a incorporar grande parte dessas manifestações, relativizando sua habitual postura (ou dela se afastando) de tentar compreender as raízes profundas e infantis que poderiam estar em jogo na origem dessas manifestações. Não parece ter feito um mau negócio, nessa inflexão de paradigma, sendo levada a concentrar-se obrigatoriamente – agora, mais do que nunca – nos possíveis sofrimentos de cada singularidade.

Sem qualquer julgamento moral, detenho-me agora em uma dessas modalidades de expressão da sexualidade, aquela possibilitada pelo uso do celular. Refiro-me à hoje em dia tão difundida busca de parceria por meio de sites e aplicativos especializados em encontros íntimos. É verdade que testemunhei, em consultório, alguns casos em que, por meio desses dispositivos, bons relacionamentos puderam se estabelecer. Já em outros casos, essa prática se constituiu apenas em um modo lúdico e pouco trabalhoso de busca de prazer. Não obstante, uma amostragem considerável de usuários apresentou-se como re-fém de uma forma compulsiva de comportamento. Nesta, o prazer se tornava secundário, rotineiro, quase inexpressivo, constituindo defesa contra sofrimentos de outras ordens. Como ilustração, apresento o desenvolvimento de um caso que atendi durante anos, com desdobramentos bem diversos daquele da situação clínica anteriormente apresentada.

Sabrina, atualmente com pouco mais de quarenta anos, é uma mulher discreta, inteligente, alta funcionária de uma instituição financeira. Ela é fruto de uma gravidez não desejada por seus pais, que se viram, ainda muito jovens, obrigados a contrair matrimônio. Como consequência dessa obrigação, o pai se tornou alcoólatra, e a mãe, em suas palavras, “uma pessoa desligada, superficial, aérea e sem direção na vida”. Sabrina, culpada e perseguida pelo fantasma de ter sido a causa de um relacionamento tão infeliz, desde

cedo se dedicou a obter independência em todos os setores da vida: financeira, profissional (é detentora de dois diplomas universitários) e, principalmente, em suas ligações pessoais. Por meio de aplicativos, durante anos manteve relações com inúmeros homens e mulheres, sempre evitando repetições, o que caracterizava, de início, uma forte defesa, e veio a constituir, ao longo do tempo, um estilo de vida. Mudanças constantes também apareciam na sua relação com o espaço: desenvolveu verdadeira compulsão por viagens, com o trabalho *online* permitindo que conhecesse os mais distantes e exóticos rincões do Brasil e, com frequência, também de outros países. O incessante movimento, o transitório, era a sua marca. Qualquer menção que pudesse sugerir um questionamento desse *modus vivendi* era fortemente rechaçada e percebida como crítica. As questões que trazia em geral expressavam elocubrações intelectualizadas, e tudo isso me exigia muita paciência, tato e cuidado no manejo⁴. Eu me dava conta, e isso era o que me animava, de que nesse oceano de inconstâncias, por ironia, o valioso era a continuidade e a permanência do seu relacionamento comigo.

Dois acontecimentos coincidiram em sua vida: o aparecimento de Humberto e um sonho muito significativo. Neste, uma criança nascia em uma pequena cidade do país, chamada Duradouro – expressivo significante! Inicialmente, Humberto era rejeitado por ser baixinho e por não ter o tipo físico que lhe agradava; porém, aos poucos, vencendo inúmeras resistências, ela foi se envolvendo com ele, até se declarar apaixonada. Penso que essa inesperada movimentação subjetiva poderia, entre outros elementos, ser resultante de uma transferência lateral. A insinuação de algo duradouro implicou os benefícios de usufruir de uma continuidade, embora também tenha acarretado, para ela, o enfrentamento dos até então desconhecidos “males de amor”: o ciúme, o medo de não ser correspondida, da perda etc. Recentemente, fiz contato com ela, que mora em um país distante, para pedir permissão para apresentar alguns elementos de seu processo. Fui informado de que continua com Humberto e que moram em um barco que se desloca constantemente, ainda atendendo, portanto, a algumas necessidades de movimentação; e que decidiram não ter filhos.

Este exemplo aponta para uma tentativa de superação das defesas envolvidas no fenômeno da rapidez, da mudança compulsiva, e para como é possível enfrentar as transitoriedades da vida. Dei destaque, no que expus até agora, ao efeito da velocidade, à compulsão por mudanças; em termos psicanalíticos,

⁴ Apenas muito recentemente Sabrina pode falar as incessantes fantasias com conteúdo mortífero, sendo constante a ideia de que nunca deveria ter nascido.

como já anunciei, isso corresponde a uma inquietação maníaca. Como contrapartida a isso – e não por acaso – pode ser observado em grande parte da população um incremento das patologias depressivas. Sem dúvida, essas resultam de uma sobredeterminação de fatores; mas entre eles está uma resposta à fadiga e à frustração com o não atendimento das demandas geradas por essa cultura da velocidade.

Encerro esta parte do ensaio com uma comovente história que chamaria de “glorificação do instante”, em contraponto à melancólica posição do poeta sonhador de Dostoiévski. Trata-se do caso de uma senhora, entrada em anos, que não conheci diretamente; ela, amante dos livros e da literatura, sofria de mal demencial, mas insistia em manter seu hábito de leitura. Pouco se lembrava do que havia lido na véspera, e por isso criou o hábito de elaborar pequenos resumos de suas leituras, mas estes, progressivamente, quando consultados não faziam mais sentido. Apesar disso, ela declarava que, mesmo perdendo o fio da continuidade, mesmo não lembrando das personagens ou do encadeamento do enredo, ela buscava se concentrar no agora e desfrutar do instante, deleitando-se com a página que lia.

3 – A aceleração do tempo e a cena social

Quase não conseguimos mais habitar o tempo, tamanho é o nosso desassossego contemporâneo. Estamos cada vez mais aprisionados ao turbilhão do momento, à sensação de aceleração e fragilidade do mundo.

Dorrit Harazim (O Globo, 20.07.2025)

Fique claro que, apesar de não focalizar os ganhos, as oportunidades e as vantagens que a rapidez oferece na contemporaneidade, eu as reconheço: na locomoção, na comunicação, na rapidez da evolução de pesquisas etc. Todavia, sendo fiel ao modo como a psicanálise trabalha, não poderia deixar de levantar algumas perguntas sobre por que o funcionamento que evita, contorna e até deforma a experiência da transitoriedade ter-se tornado tão difundido e ampliado na sociedade atual. Trata-se de questão complexa, e aqui será apenas discretamente esboçada uma tentativa de encaminhar uma resposta. Sem dúvida, o porquê desse fenômeno, que provisoriamente vou chamar de “ideologia da velocidade”, transcende, e muito, as questões singulares determinantes da história de cada sujeito.

Chamei esse fenômeno de “ideologia”, pois a aceleração em vários níveis (e aqui abordo apenas aqueles relativos ao tempo) remete a um conjunto de ideias, valores, crenças, hábitos etc. atrelados a um sistema maior, responsável por sua difusão. Como curiosidade, destaco que Frédéric Gros, em *Preguiça e capitalismo* (2012, p. 255), pontua que “não foram os capitalistas do século XIX que inventaram, com a organização do trabalho nas fábricas, o princípio de uma programação exaustiva do tempo”. Foi, antes, nos mosteiros cristãos que a jornada se tornou extremamente codificada: todo minuto deveria ser devotado a Deus, à oração, ao canto, à jardinagem etc. O risco a ser evitado no lazer seria o da preguiça, dos maus pensamentos, em especial daqueles associados à sexualidade. Os “rígidos muros dos mosteiros”, entretanto, impediram que esse tipo de funcionamento se espalhasse pela sociedade.

Foi com a eclosão da revolução industrial que a ordem social capitalista tomou forma definitiva e se expandiu, moldando estilos de vida e subjetividades, em particular nas suas relações com o tempo. Segundo o sociólogo Harmut Rosa (2022, p. 20), essa nova ordem promoveu uma aceleração tecnológica – em certos aspectos, sem dúvida, com grandes benefícios –, a aceleração de mudanças sociais acarretando a emergência de novos valores e costumes e a aceleração do ritmo de vida. Mas a que preço? Transcrevo um breve, porém eloquente trecho de Susan Neiman, para ilustrar como a moldagem, diria mesmo como a manipulação feita pelos interesses do capital mexem diretamente com os objetos das necessidades e/ou dos desejos dos indivíduos. Ironicamente, fica claro aqui como a transitoriedade pode gerar lucro. Diz ela:

O computador médio dura quatro anos; os *smartphones* implodem ainda mais cedo. Isso não é um acidente. Desde 1924, o capitalismo depende da obsolescência programada. Naquela época, uma associação internacional das principais empresas de eletrônicos decidiu reduzir a expectativa de vida das lâmpadas de 2.500 horas para 1000 horas. A suposição do antigo artesão de que os produtos deveriam durar o máximo possível começou a desmoronar. Hoje, esperamos que quase tudo se desfaça logo após o término da garantia. (NEIMAN, 2023, p. 180).

Cercados por objetos descartáveis, a essa descartabilidade nos adaptamos e, em certo sentido, com ela nos identificamos, mergulhando na febre do consumismo, que “acaba por promover uma nova economia libidinal de sujeitos tornados insaciáveis” (QUINET, 2006, p. 39). O jargão que enfatiza o ter sobre

o ser, na atualidade, segue expressivo e válido, acrescentando-se nessa equação aquilo que Harmut Rosa aponta como a maior questão das novas subjetividades: a alienação (2022, p. 10) Reconhecendo as dificuldades inerentes a esse conceito e a polêmica que o rodeia, esse autor, entretanto, distingue no cenário atual uma sujeito alienado de si e direcionado a falsas necessidades, com seus desejos submetidos às imposições “tardo-modernas da velocidade, da competição e dos prazos” (ROSA, 2022, p. 146). A dialética alienante entre eu/outro pode ser ilustrada, de modo caricato, no funcionamento de um tipo de algoritmo que supostamente funciona como uma solícita “mãe suficientemente boa”; frente, por vezes, a uma simples indagação ou uma mera curiosidade, o sujeito se vê inundado por respostas e ofertas. A velocidade da resposta se apresenta como graça, presteza e disponibilidade; na verdade, contudo, tende a efetuar um curto-circuito no desejo.

A culminância de um dos possíveis sentidos da alienação reside no fato de todo esse veloz cenário contribuir (entre vários outros fatores a serem considerados, é claro) para a produção de um sujeito não pensante em relação à realidade do mundo que o cerca. Algo aí, em termos muito amplos, nos leva a pensar em uma atualização daquilo que, em termos psicanalíticos, Bion (FISCHER, 2011, p. 43) chamou de vínculo -K (menos K); trata-se do saber atacado, destituído, movido pela pulsão de morte; ou também daquilo que Lacan cunhou como “paixão pela ignorância” (QUINET, 2022, p. 112), desejo de não saber. Esse sujeito se vê atraído, diria mesmo que preso, por um lado, por ideologias travestidas de ideais religiosos preconizados por falsos pastores; por outro, por ideologias vociferantes, conduzidas por líderes bufões e nefastos, que disseminam ideias negativas sobre cultura, liberdade e democracia. O *ready-made* dos discursos cria a ilusão de um suposto pensamento compartilhado e garante a sensação de pertencimento. O capitalismo em seus estertores – pois é disso que se trata – apresenta-se neste momento sem disfarces, caricato, alienante e patrocinador de inverdades que constituem um verdadeiro ataque à realidade. E é para não enxergar a realidade que são necessários intensos dispositivos sociais e psicológicos.

Sim, o mundo está em crise! Entretanto, como uma nota final, vale lembrar daquele ideograma oriental que tanto pode ser traduzido como “crise” quanto como “explosão de verdades”. Que estas se deem a conhecer e possibilitem uma nova orientação em todas as dimensões. O momento é, sem dúvida, de transição; mas a história nada mais é do que uma sequência de transições – às vezes longas, como os trezentos anos da Idade Média que desembocaram no Renascimento, o alvorecer da Modernidade. Como propõe Adorno (*apud*

NASCIMENTO; FRANCISCATTI, 2012, p. 148), caminhemos para uma nova ordem mundial, que não se sabe bem qual será, nem como será; de todo modo uno minha esperança à dele, ao aguardar tempos melhores que virão.

Tramitação

Recebido 20/09/2025

Aprovado 22/09/2025

Referências

- AYOUC, T. *Psicanálise interdisciplinar, psicanálise indisciplinada*. São Paulo: INM, 2025. (Coleção Bergasse 19).
- DOSTOIEVSKI, F. [1848]. Noites brancas. In: _____. *Histórias dramáticas*. São Paulo: Cultrix, 1960.
- FERRAZ, F. C. *Tempo e ato na perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- FISCHER, J. The emotional experience of K. In: MAWSON, C. (Ed.). *Bion Today*. London: Routledge, 2011.
- FREUD, S. (1915/1916). *Sobre a transitoriedade*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- GROS, F. Preguiça e capitalismo. In: NOVAES, A. (Org.). *Elogio à preguiça*. São Paulo: Sesc, 2012.
- NASCIMENTO, S. F.; FRANCISCATTI, K. Adorno e a esperança no progresso. In: *Psicanálise e barroco em revista*, v. 10, n. 1, julho 2012.
- NEIMAN, S. *A esquerda não é woke*. Belo Horizonte: Âyné, 2023.
- PEARCE, M. Assistir vídeos online em velocidade rápida pode afetar o cérebro. (Artigo republicado de *The Conversation*, sob licença *creative commons*). *O Globo*, Rio de Janeiro, 07.09.2025.
- QUINET, A. *A psicanálise e o laço social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- _____. O ignoródio. In: *A política do psicanalista*. Rio de Janeiro: Atos e Divãs, 2022.
- RILKE, R. M. *Elegias de Duíno*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- ROSA, H. *Alienação e aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna*. Petrópolis: Vozes, 2022.